

Abril, de novo!

Livre, Canto!

N aqueles tempos tudo era cinzento no país onde nada acontecia. A TV era cinzenta, as ruas eram cinzentas, o pensamento tinha as cores escondidas. Mas o Canto de Intervenção, mesmo dentro de todo este cinzentismo, era colorido, porque carregado de esperança, de futuro... de esperança no futuro.

Zeca Afonso, José Mário Branco, Sérgio Godinho, José Jorge Letria, José Niza, Francisco Fanhais, Francisco Naia, Luís Cília, Manuel Alegre ou Manuel Freire, foram alguns dos cantores e poetas que, ao mesmo tempo, cantaram o Portugal oprimido e amordaçado e o Portugal livre e aberto, carregado de esperança. É certo que depois do dia 25 de Abril de 1974, com nova tomada de consciência e num contexto político completamente diferente, estes cantores e poetas começaram a ter outro tipo de preocupações (sociais, políticas, musicais, de estética...) ainda hoje visíveis (audíveis, aliás) em alguma da mais recente discografia de Sérgio Godinho, por exemplo. Para trás ficavam os dias intensos da luta política pela democracia em recitais de canto e poesia às escondidas, as letras de canções e poemas apreendidas pela PIDE/DGS, os concertos improvisados junto dos trabalhadores em fábricas, cooperativas e colectividades de cultura e recreio ou picnic's, como contava Zeca Afonso, cujo tema *Grândola, Vila Morena* constituiu uma das senhas decisivas da revolução. Era para os trabalhadores, principalmente, que se cantava, porque tinha que se fazer passar a mensagem directamente ao povo, porque este tinha que perceber que as coisas eram possíveis de mudar. Como dizia o poeta Manuel Alegre na obra *Cantores de Abril*,

de Eduardo Raposo, "havia, apesar das angústias e dos medos, um sopro de festa dentro de nós. Havia um ritmo [...]. Era algo que estava no ar [...] uma música da língua e do tempo, que vinha sob a forma do não e da poesia."

Musicalmente, o canto de intervenção está ligado à tradição trovadoresca e às canções de amigo, assim como ao fado e balada coimbrã, para depois, gradualmente, ocupar o seu lugar único como verdadeiro



canto intervencionista. Saliente-se, no entanto, que dos nomes referidos neste texto, o de Zeca Afonso foi o que mais ecoou nesses tempos conturbados, e também aquele que se manifestou como o mais visionário de todos, incorporando nas suas composições os ritmos contagiantes de África e experiências sonoras de estúdio que, aliadas a uma poesia muito peculiar, com um sentido de ironia e crítica cortantes, criavam um cenário surrealista de excelência.

Luís Antero

35 anos depois

D eixo Eça de Queirós e Ramalho Ortigão começar o jogo: "Aproxima-te de nós e vê..."

Dia a dia lutamos – ou deveríamos lutar – para não nos afogarmos num mundo de insignificâncias.

A verdade está no vizinho do lado (e em nós mesmos): cada um preocupa-se com o seu próprio mundo, com a sua vida e ape-

a militância dos ignorantes impera e a *esper-teza salaia*, herdeira do tempo do Dr. Salazar, mantém-se: um povo instruído incomoda, um povo ignorante é comandado...

E esta situação resumo a isto: hoje li uma crónica de Luís Pacheco no livro *Raio de Luar* (que recomendo): "Raios que os afundem".

Não vos vou enganar, escrevo com um cravo à minha frente. É 25 de Abril.

Vejo um país, de norte a sul, a festejar esta gloriosa data de resistência, de insubmissão, de liberdade. Contudo, esta festa faz-me pensar em aparências, e as aparências iludem, e de que forma...

Oio as pessoas cantar músicas do nosso Zeca. Neste dia *todas as vozes se juntam numa única voz*. Mas, e volto a repetir, as aparências iludem. Festejar a libertação das amarras tortuosas do fascismo que nos deu liberdade para não fazer nada, não é a mesma coisa que cantar Abril aos quatro ventos. E já que falo nisto:

- *Bóreas*, quantos ouves tu cantar durante os restantes dias do ano?

Desiludidos estropiamos continuamente a jovem e inocente democracia com uma apatia e inércia geral.

Aproxima-te de nós e vê: ainda há muito para fazer. *Os vampiros continuam sedentos de sangue*, e a *manada*, essa, está tão entorpecida como sempre. Nesta democracia erguem-se inúmeras portas sem que qualquer uma delas leve a lado algum.

Aproxima-te de nós e vê: ainda há muito que lutar!

Falta cumprir Abril!

André Pereira

Aproxima-te de nós e vê: o povo está cego,



LEMBRAM-S-E?

24/25 de Abril

APRESENTA
A Queda do Regime

Nabos da Púcara

ELECTRIC WARHEADS

MÚSICA
FILMES
EXPOSIÇÕES
SLIDES
FEVERAS & CALDU
BECK'S
INTERVENÇÕES CÉNICAS
INTERVENÇÕES SUBVERSIVAS
OUTRAS INTERVENÇÕES

SÁBADO
CASA DO POVO
22.30

Entrada 200

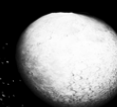


Casa do Povo de Oliveira do Hospital, 24 de Abril de 1999



Largo Ribeiro do Amaral, 25 de Abril de 2004

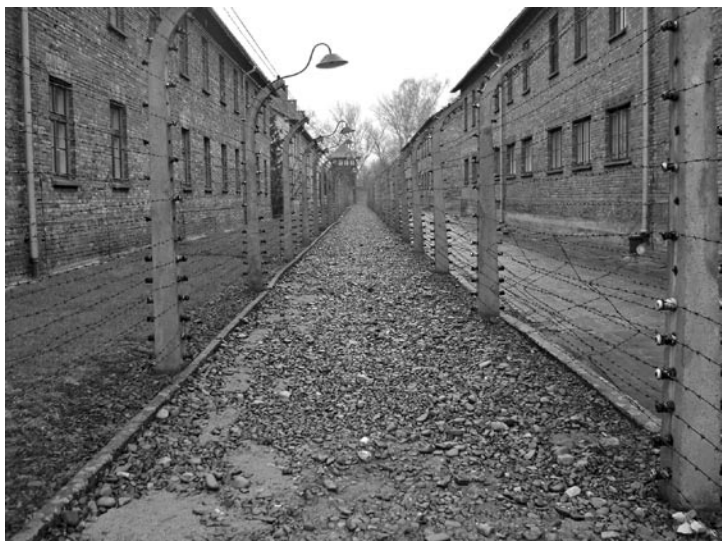
(CO2 + Lixo) - Consciência x Economia =



22 Abril Dia Mundial da Terra

João Lourenço

Polska*



Parte-se para a Polónia com as imagens dos filmes de guerra que nos marcaram a infância. Parte-se para a Polónia a pensar na Alemanha, na Rússia e, outra vez, a guerra e a barbárie. Parte-se para a Polónia a pensar no leste, na neve, no frio e numa língua que não se entende, de todo.

Ao chegar à Polónia encontram-se sinais de tudo isso... e muito mais!

Nesta altura do ano é possível, em três dias, viver as 4 estações do ano. Sim, é mesmo assim! Dois dias a nevar, dois dias chover, dois dias de primavera, um dia de verão, tudo numa semana, literalmente. A hora só difere em 60 minutos da hora de Portugal, mas os hábitos sobem esses valores para três vezes mais. O trabalho começa às 8 horas e encerra às 16h00 (sem o luso-clássico intervalo para almoço), janta-se entre as 18 e as 19 horas, poucos depois começam os espetáculos e os centros comerciais fecham às 21, que lá parece ser a meia-noite de cá.

Os polacos pouco ou nada sabem sobre Portugal, enfim, mal sabem onde fica, embora saibam que é longe. Falam de nós como nós falamos da Letónia ou da Eslovénia: sabe-se que existe. O Millennium e a Biedronka (os supermercados do Grupo Jerónimo Martins) podem-se encontrar ao virar da esquina, mas a grande maioria dos polacos ignora que são «propriedade tuga». Com excepção do vinho do Porto, o vinho português não se encontra “em lado nenhum” e como os polacos não brilham pelo lado do comes-e-bebes local, é fácil ir a um restaurante e beber vinho de todo o mundo, desde o chileno, passando pelo sul-africano, acabando no italiano e espanhol (?). Para acompanhar o néctar de Baco na Polónia, a oferta contempla sempre pato, porco e frango. Os polacos, eles e elas, bebem muito: vodka, cerveja, vodka, vodka....

A Polónia é um país muito grande, que faz a ponte entre a Europa central e a Europa de Leste, outrora a sua grande cruz, hoje a sua grande vantagem competitiva! Os Polacos, que são um pouco desconfiados, muito fechados, pragmáticos e exemplares a cumprir horários, são 40 milhões. A capital, Varsóvia, parece Madrid ou Lisboa; uma cidade como Katowice (Sul, perto da turística Cracóvia) parece estar ainda a sair de 1945, imagem para qual muito contribuem as negras fachadas dos prédios; outra cidade, como Poznan, parece Colónia, e vive virada para Berlim. Os últimos dez anos foram

de festa na Polónia, graças a um crescimento e ocidentalização acelerada – andam felizes, os polacos!!! Na Polónia, às vezes, parece que recuamos 20 ou 30 anos no tempo. Outras vezes parece que estamos no centro da Europa Franco-Alemã. Há muitos sinais na Polónia que fazem lembrar Portugal dos anos 70 e dos anos 80. O principal são as estradas, ou a falta delas, ou o que resta delas, à volta de muitos e muitos buracos. Só do Sul para o Oeste é que já existe uma “pequena” e nova auto-estrada, o resto é “andar” nas velhinhas estradas nacionais, iguaizinhas à nossa N1 ou N17, a passar pelo meio das terrinhas e tudo... Daqui a dez ou quinze anos a Polónia estará como Portugal, terá auto-estradas em todo o lado. Até lá, muitas filas de espera e nada de velocidades. Uma visita à Polónia, agora, faz-nos sentir o “Deus seja louvado” que são as nossas vias rápidas!

Espreito o livro de notas e nele encontro escrito que as cortinas das janelas, em cidades e vilas do interior, são de renda (lembram-se?); que não se vêem placas das imobiliárias a dizer «vende-se», contraste com Portugal onde tantas “placas” fazem poluição visual; que os polacos vão ao supermercado comprar cigarros e fuma-se em todo lado, algo que, percebemos lá, já nos incomoda – foi mais um flashback chegar ao hotel com a roupa a tresandar a tabaco!; que a Igreja reina entre os Polacos, praticantes devotos, o que transparece no final da missa, quan-

do uma multidão cheia de vitalidade enche o átrio que mais parece o de uma faculdade, com muitos e muitos jovens; que muitas cidades históricas contam a História através de catedrais, praças e edifícios de beleza avassaladora; que a burocracia marca, de forma vincada, o dia-a-dia dos Polacos – como eles dizem, «é preciso um carimbo para tudo», até para a factura do táxi.

O clima faz da Polónia um país de extremos, que vai desde o Inverno gelado onde se mistura o branco da neve com o negro da noite, logo a seguir às três da tarde, até um Verão escaldante em que o dia faz tardar o aparecer da noite! Nada de meias-tintas, ou de temperado, como nós gostamos e chamamos.

Olhando a Polónia de alto a baixo, parece que olhamos Portugal de pernas para o ar: o mar está no norte, as montanhas “fugiram” para sul, o negócio e o trabalho ocupam o sul e o oeste (a caminho da Alemanha), no centro ficam os serviços e o “deserto alentejano” deles fica entre Varsóvia e a capital do norte, Gdansk.

Visitar a Polónia, num momento como este, é um bálsamo para alma: não se fala de crise, respira-se esperança no futuro. Os polacos vivem confiantes num enorme potencial que parece fazer acontecer o futuro hoje. Oxalá o resto do mundo não os volte a tramar.

Vitor Neves
*Polónia



Auschwitz: como foi possível?

«Devemos libertar a nação Alemã de Polacos, Russos, Judeus e Ciganos.»

Otto Thierack, ministro da justiça do III Reich

Chamam-lha a residência da morte. São os campos da vergonha do ser humano. O Holocausto (após a visita voltei a rever a premiada série televisiva, assim designada) invade-nos o corpo e a mente incrédula de uma ponta a outra, ao visitar o muro do fuzilamento, ao ver o arame farpado, ao ver as fotos, ao visitar os fornos crematórios. Não é uma visita que se recomende (apenas visitei o Campo 1... e vi tudo!), embora os campos, que são património mundial, se tenham tornado uma espécie de santuário de Fátima. A visita num dia de chuva torna o acto ainda mais aterrador, que apenas se justifica para que no presente não se esqueça o que o ser humano já fez no passado (recente) e assim evitar que o possa voltar a repetir no futuro.

As mulheres

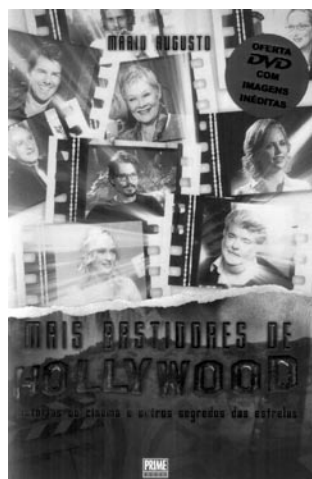
Não é possível visitar a Polónia sem ver as mulheres polacas. Lembram-se da «menina do gás» da Galp? Sim, ela é polaca. São lindas, muito lindas, as polacas. São elegantes, elegantíssimas, as polacas. São descaradas, olham descaradamente, as polacas. E são muitas. Não é possível ter uma reunião na Polónia sem que o assunto «as mulheres» não seja assunto, mesmo quando do outro lado a interlocução é protagonizada por mulheres. Os antigos abrigos do tempo de guerra são, hoje, discotecas, bares e restaurantes. Talvez nunca tenha visto tanta beleza e elegância em tão poucos e estreitos metros quadrados. Só visto. Muita beleza, muita pinta, muita elegância, muito bom gosto assumido: uma mini saia é mesmo isso, uma MINI saia. Uma estatística: uma empresa portuguesa, certo dia, enviou oito homens dos seus quadros para trabalhar na Polónia. Seis divorciaram-se. Cinco casaram com polacas. Atracção fatal.

Dicas uteis

- A TAP a partir de 10 Junho voa directo de Lisboa para Varsóvia. Três horas e meia de voo.
- A melhora altura para visitar a Polónia é agora e no final do Verão.
- Um Big Mac custa metade do preço praticado em Portugal.
- Um euro vale cerca de 5 zloty, a moeda local.

3 PISTAS

HOLLYWOODLAND



Sabiam que as letras H-O-L-L-Y-W-O-O-D das colinas de Los Angeles têm 15 metros de altura?

Sabiam que, nos anos 30-40, uma actriz (basicamente) porno se suicidou, atirando-se do “H” abaixo?

Sabiam que há um comerciante português, chamado António, ligado à criação da cidade de Los Angeles?

Querem conhecer a conversa que deu origem a *Pulp Fiction*?

Desejam conhecer melhor o “bom rebelde” Johnny Depp?

A resposta a cada uma destas perguntas (e a tantas outras) não é nada difícil de encontrar, apesar de a maior indústria de filmes estar a uma grande distância. Mário Augusto, jornalista conhecido por todos e que já teve a oportunidade de estar perto das grandes estrelas de cinema (homens e mulheres), aproxima-nos da realidade de *hollywoodesca*, dando a conhecer uma série de histórias do cinema e vários segredos de actores com quem passou algum tempo, conseguindo a palavra-passe para os seus ficheiros secretos.

O livro chama-se *Mais Bastidores de Hollywood* e é um autêntico *upgrade* do primeiro livro, intitulado *Nos Bastidores de Hollywood* (assim opina Joaquim de Almeida, que prefacia este segundo tomo). Nesta panóplia cinematográfica, o amigo Mário intercala as entrevistas com várias histórias da cidade de Los Angeles e a sua relação com o cinema, desde a cristação de Thomas Edison com os irmãos Lumière à morte do filme monocromático e às dificuldades da Technicolor...

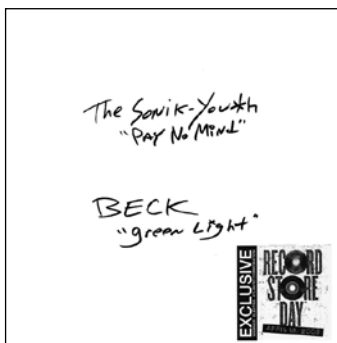
“Hollywood é um lugar onde se pagam 50 mil dólares por um beijo e 50 centimos pela alma”, afirmou Marilyn Monroe. Digamos que a fama também se paga caro...

Isto e muito mais... para ler e depois para ver. É que o livro oferece um DVD com imagens inéditas – até podemos chamar-lhe *As Aventuras de Mário na Grande Cidade da 7ª Arte!*

Ana Sales

Mais Bastidores de Hollywood, Mário Augusto, Prime Books, 2006

A Luta Continua



A edição do S_21 de Março consagrou a sua 1.ª página ao vinil, esse suporte musical que parece renascer das cinzas e que durante anos congregou as vontades e exortou a nostalgia de melómanos que lamentavam o seu recuo face à hegemonia do CD. Pois bem, é preciso definir novos objectivos. Novas lutas se preparam, mesmo que os soldados que as protagonizem não venham a ser exactamente os mesmos. Neste momento, é o próprio suporte físico da música (os “discos”) que está em causa. E escusam de suspirar pelo prazer que dava identificar um disco pela capa ou pelo pack que tinha sido concebido especialmente para aquela peça. Ou pelas surpresas (faixas escondidas, links para jogos no PC, pequenos clips...) possibilitadas pelo formato plástico. O futuro da música passa pelo mp3... o som fluirá entre PC's, ipods, telemóveis e objectos ainda não imaginados sem que nunca tenhamos a hipótese de lhe “pegar”.

Uma das iniciativas mais emblemáticas em defesa dos “velhos” discos chama-se Record Store Day e celebrou no passado dia 18 de Abril a sua segunda edição (que ocorre no terceiro sábado de Abril). Ao longo do dia, uma série de lojas (sobretudo americanas e canadianas, mas também algumas europeias) ligadas em rede através de um site criado para a ocasião promoveu nos seus espaços acontecimentos como o lançamento de discos especiais (edições limitadas e autografadas) ou a recepção de músicos para sessões de autógrafos e concertos. Grupos como The Flaming Lips, Green Day, Oasis ou Metallica fizeram gravações exclusivas para esta celebração globalizada da música em suporte físico.

Um dos discos gravados para esta ocasião juntou dois dos expoentes da música independente, Beck e os Sonic Youth. O primeiro recriou *Green Light*, dos nova-iorquinos, numa versão acústica que remete para a sua faceta mais folk; os segundos fizeram uma versão de *Pay No Mind*, original do autor de *Mellow Gold*, com estática como ruído de fundo e ritmos desconcertados.

A ironia é que para aceder a este disco raro e único (apenas 2500 cópias, em vinil, disponíveis em todo o mundo) tivemos que recorrer ao download e “sujeitar-nos” a escutá-lo em mp3. Valeu a pena. Que a luta continue!

Artur Abreu

Beck / Sonic Youth, *Green Light* / *Pay No Mind*, Record Store Day, 2009

Liberdade: O Sol é Para Todos



Liberdade: a minha, a tua, a nossa. Livres de ir, fazer e escolher. O 25 de Abril é assim há 35 anos. E continua vivo, presente em todos os que amam e celebram um sentido pleno e universal de Ser Livre.

Não é ficção e, muito menos ficção científica. É humano, é realidade. Que se actualiza e se renova. Há um mundo novo, todos os dias, para construir. E outros para descobrir. Talvez toda a gente (re)conheça agora o mundo revelado pelo multi-Oscarizado *Slumdog Millionaire* / *Quem Quer Ser Milionário*. É ali ao lado, na Índia desta nossa suposta aldeia global, denominada planeta Terra. Palco comum dos nossos desejos, anseios, medos e angústias.

Imagine agora que em 2057 o Sol corria o risco de se apagar e com isso a humanidade iria desaparecer. Imagine que os líderes da Nova Ordem Mundial resolveram enviar uma missão espacial para reactivar o Sol e essa missão... fracassou. Imagine que em quase desespero de causa, uma nova missão tenta dar o último sopro de esperança à Humanidade e ao astro moribundo. Tudo está nos planos da muito humana e tecnológica Icarus II, que transporta uma bomba de dimensões apocalípticas para fazer reactivar o Sol. Acontece que na missão hiper-planificada e absurdamente “cientificizada” surge um dado novo... Homens e mulheres de ciência vão ter que escolher. Ei-los perante o desafio responsável que Liberdade acarreta.

Danny Boyle sabe mexer com mestria nas emoções, particularmente com as mais básicas, que envolvem os instintos de sobrevivência. *Sunshine* / *Missão Solar* é mais um suspiro da sua liberdade criativa, apesar de não conseguir descolar da sua marca-de-água pop, que é também parte da sua “graça”. Realizador de culto, estimado e respeitado pela grande indústria, fez aqui um filme também de culto que, salvaguardando as devidas proporções, é uma espécie de 2001: *Odisseia no Espaço* para a geração Internet. Sem a profundidade analítica e filosófica do primeiro, mas rebuscando novas perplexidades e interrogações dos anos 2000. Chamemos-lhe um Odisseia Pop.

Merece ser visto. Até porque há muito e bom trabalho antes de se chegar a Milionário.

JFR

Missão Solar / *Sunshine*; Danny Boyle, DVD, 2007

BREVES CULTURAIS

SEMPRE ACTUAIS

Museu Tate recria exposição de Blake de há 200 anos. O mais importante museu de arte inglês propôs-se recriar a exposição que o artista organizou na retrosaria do irmão, tendo conseguido juntar nove dos 16 quadros então apresentados. Na altura, a exposição teve uma única crítica, publicada pelo jornal *Examiner*, que descrevia o trabalho do artista como “borrado e muito mal desenhado” e o autor como um “pobre lunático”. Hoje, William Blake é considerado uma das figuras-chave do movimento Romântico, tanto por sua pintura quanto pela sua poesia.

Gonçalo Abrantes vence prémio EDP Novos Artistas. Abrantes, de 25 anos, desenvolve o seu trabalho nas áreas da pintura, cinema, instalação e performance, e foi distinguido pela “energia criativa” do seu projecto. Pela primeira vez na história do galardão foi atribuída uma menção honrosa, a Mauro Cerqueira. Com o valor de 10.500 euros, o prémio actualmente é bi-anual e foi criado com o objectivo

de fomentar novas carreiras artísticas. Dirige-se a artistas portugueses e estrangeiros que residam em Portugal e já foi atribuído a Joana Vasconcelos (2000), Leonor Antunes (2001), Vasco Araújo (2002), Carlos Bunga (2003), Pedro Paiva e João Maria Gusmão (2004), João Leonardo (2005) e André Romão (2007).

Treze aquarelas de Hitler vendidas por 104.110 euros. As obras pintadas pelo futuro Führer foram feitas nos anos 20 e tinham sido encontradas há um mês, numa garagem inglesa. Entre os quadros encontrava-se um auto-retrato assinado com as iniciais A. H. e mostrando o ditador sentado numa ponte de pedra. O conjunto foi integrado numa colecção de documentos históricos postos a leilão pela Mullock's.

Reflexões de Saramago saltam de blogue para livro. Desde Setembro que o Nobel português mantém um blogue na internet onde tem compilado dezenas de notas sobre escritores,

lugares, políticos e actualidades. Os textos foram agora compilados e lançados num livro intitulado *O Caderno*.

Primavera de prémios para Aquele Querido Mês de Agosto. O filme rodado na Beira Serra e protagonizado pelo oliveirense Fábio Oliveira está a ter uma Primavera recheada de galardões. No início de Março, em Las Palmas (Canárias), recebeu os prémios Lady Harimaguada de Prata, enquanto Miguel Gomes foi considerado o melhor novo realizador. No final do mesmo mês, em Guadalajara (México) a obra foi distinguida com os prémios especiais do Júri e de Som. Uma semana depois, em Buenos Aires, arrecadou o galardão de melhor filme. Nos próximos tempos, a longa-metragem estará ainda presente nos festivais de cinema de São Francisco, Los Angeles, Auckland e Wellington.

Prémio BES Photo para Edgar Martins. Aos 32 anos, Martins era o mais jovem dos três candidatos ao galardão (concorria com André Gomes

e Luís Palma) e foi o escolhido pelo júri para receber o mais importante prémio nacional na área da fotografia, no valor de 25 mil euros, atribuído a artistas portugueses ou que desenvolvam o seu trabalho em Portugal. O fotógrafo vive em Inglaterra desde 1996, onde estudou fotografia e Belas Artes. Foi ainda bolseiro de diversas fundações entre 2000 e 2007 e actualmente está a organizar um projecto realizado a convite do The New York Times sobre a recessão económica nos Estados Unidos. Helena Almeida foi a vencedora da 1ª edição do BES Photo, em 2004, José Luís Neto venceu em 2005, Daniel Blaufuks em 2006 e Miguel Soares em 2007.

O Monstro Precisa de Amigos é o melhor álbum português dos últimos 15 anos. A escolha foi feita pelos ouvintes da Antena 3, numa votação organizada no âmbito das comemorações dos 15 anos da estação. O álbum dos Ornatos Violeta, editado em 1999, foi escolhido de entre uma lista de cem discos, previamente divulgada

pela estação. Em segundo e terceiro lugares ficaram *Silence Becomes It*, dos Silence 4, e *BeatSound Loverboy*, de Slimmy.

Amália é a melhor cantora de Portugal para a Blitz. A fadista foi escolhida pela redacção, numa votação divulgada na edição de Maio e que inclui ainda as vozes de Carlos do Carmo e António Variações no top 3. A lista, constituída por oito nomes, inclui quatro vozes masculinas e quatro femininas e completa-se com José Afonso, Mariza, Paulo de Carvalho, Maria João e Teresa Salgueiro.

papercutz vencem prémio internacional. O colectivo musical português foi distinguido no The People's Music Awards cuja cerimónia decorreu Londres, no início de Abril. Os portugueses trouxeram para casa o prémio referente à categoria *Off the beaten track*, à qual concorreram com a faixa *Ultravioleta*. Os prémios The People's Music Awards, estrearam-se este ano e pretendem distinguir os melhores trabalhos dos novos talentos da música mundial, não assinados ou lançados por pequenas editoras independentes.

AA